

## OBITUÁRIO

*Do gesto antropo-lógico à vitória dos possuídos.  
Obituário de Georges Balandier 1920-2016,  
por Frederico Delgado Rosa*

---

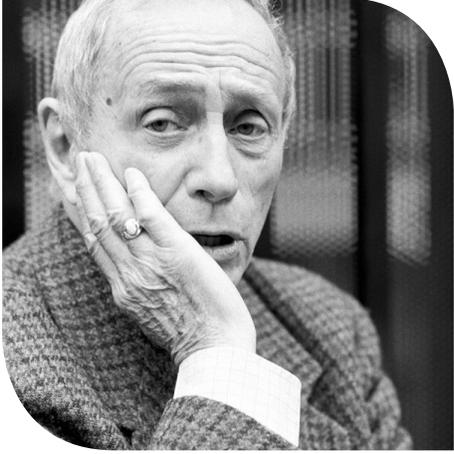
*Análise Social*, 221, LI (4.º), 2016

ISSN ONLINE 2182-2999

---

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9  
1600-189 Lisboa Portugal — [analise.social@ics.ul.pt](mailto:analise.social@ics.ul.pt)



© Patrice Praxo



## OBITUÁRIO

### Do gesto antro-po-lógico à vitória dos possuídos (Georges Balandier 1920-2016)

**N**a exata medida em que Claude Lévi-Strauss morreu fora do seu tempo estrutural faz agora sete anos, essoutro monstro sagrado e seu verdadeiro inimigo intelectual, Georges Balandier, partiu em comunhão com o mundo, quero dizer, com tendências muito expressivas – para evitar o termo *dominantes* – da antropologia, disciplina que sempre considerou sua, chamando-lhe também etnologia, à boa maneira francesa. Se o primeiro foi um profeta da antropologia arcaica (Rosa, 2009), enquanto perpetuador dos universos a que chamou de selvagens com novas *lettres de noblesse*, o segundo ganha na atualidade um estatuto de visionário da viragem para a história e para as questões de poder na teoria social pós-colonial, tanto mais que uma parte fundamental, constitutiva, da sua obra, foi o resultado de experiências de terreno levadas a cabo na África ainda colonial, francesa e belga (com algumas digressões noutros impérios), procurando deliberadamente uma experiência de rutura que o subtraísse a uma Europa em ruína, no imediato rescaldo da Segunda Guerra Mundial. Na verdade, a etiqueta de “sociólogo africanista” sempre lhe caiu mal quando usada em modo exclusivo – ou mesmo pejorativo, por aqueles que em França procuravam a todo o custo evitar a contaminação da antropologia (estrutural, entenda-se) pelo seu pensamento incendiário.

As fronteiras disciplinares, que abominava, eram responsáveis em grande medida por aquela deficiência de fundo a que chamou de ilusão da ótica

social. Pela sua ênfase qualitativa, microscópica e relativista, a antropologia tinha uma capacidade corretiva no panorama das ciências sociais, falho de integração, de diálogo, e até de uma linguagem comum. Contudo, era necessário que fossem reconhecidas e ultrapassadas algumas limitações teóricas – ou mesmo erros, assim os entendia – no próprio seio dessa disciplina-chave, que estava longe de ser imune à dita ilusão. Até pelo contrário, dava-se o caso paradoxal de ser a antropologia uma das mais dadas à mesma, ainda que fosse potencialmente redentora. O problema, que tinha por mais agudo em França, estava na insuficiência de vasos comunicantes em relação à história, quando não numa aversão mal disfarçada, a pretexto de uma divisão de saberes mutuamente respeitadora. E Lévi-Strauss era um mentor privilegiado de tal situação, não só pela sua obsessão pelo inconsciente coletivo, mas por considerar que havia sociedades efetivamente eficazes na supressão da turbulência histórica, como se lhe escapassem em modo feliz ou, melhor dizendo, como se lhe tivessem escapado até à expansão do Ocidente, a terra das temperaturas elevadas – numa triste inversão dos trópicos. As mito-lógicas do grande adversário, como que absurdamente feitas de mitos a pensarem-se a si mesmos e situados para lá dos olhares, dos rostos e dos gestos de seres humanos de carne e osso, foram etiquetadas por Balandier, preto no branco, como uma espécie de “ditadura do mito”. Esta expressão não só incluía o rito por tabela como extravasava, a bem dizer, a crítica do estruturalismo, para se estender a toda uma tradição intelectual de raízes oitocentistas, que tinha Émile Durkheim por expoente óbvio e que promovia a transcendência sociológica do religioso ou, dito de outra forma, o seu poder unificador e reprodutor.

Se qualquer sociedade era suscetível de criar a ilusão a-histórica, reificadora das continuidades, os sistemas ditos tradicionais tinham conseguido a proeza de iludir nesse processo os próprios antropólogos, vítimas da aparente supremacia das instituições vocacionadas para esconder os processos de construção ou engendramento de cada tempo presente. Porque a linguagem mítica, em sentido lato, era utilizada nesses processos, a supressão da mudança fora equivocadamente tomada à letra, em jeito de confusão do mito com a realidade. O próprio peso da oralidade nesses contextos era afinal um indício maior de um constante *bricolage*, palavra roubada a Lévi-Strauss apenas para lhe desviar por completo o sentido. Em evidente contraponto às *Mythologiques*, as *Anthropo-logiques* (1974) de Balandier explicitavam uma preocupação transversal a várias das suas obras: a de restituir a mudança social em toda a sua plenitude humana, que não somente no modo teórico de identificação de mecanismos ou princípios.

Além de representarem uma “paixão” pessoal, as sociedades africanas eram excelentes para o objetivo, desde logo graças às “peripécias” dos célebres

Estados históricos, bem antes de desaparecerem na voragem colonial ou de sobreviverem como enclaves após a grande partilha de 1884-1885. De resto, se a colonização europeia generalizara e banalizara as relações externas do continente, o facto é que a simbiose era plurissecular entre aquelas monarquias ou impérios autóctones e as áreas exteriores ao mundo negro. Em qualquer caso, nada seria mais falacioso do que restringir aos ditos Estados a filigrana histórica, como se dessa forma se pudesse legitimar, em contraponto, uma etnologia atemporal das sociedades tribais em sentido estrito. Balandier entendia que todos os povos africanos eram afetados, independentemente da sua grandeza numérica e do seu posicionamento geográfico, por aquelas grandes configurações, ainda que fossem “náufragos” das mesmas, ora num fechar sobre si defensivo, ora num apego a lógicas clânicas, quando outros cimentos políticos se esboroavam.

Só a nossa ignorância podia esconder a permeabilidade e a vulnerabilidade crónicas desses microuniversos, havendo contudo a desculpa de que os próprios vestígios da história de África eram propensos a iludir, nomeadamente em virtude do carácter perecível da maior parte das arquiteturas palacianas do passado. Um dos grandes feitos de Balandier consistiu então em ver para além das materialidades sobreviventes, em buscar nos terrenos da sua eleição outra espécie de sinais do passado, precisamente os vestígios vivos que comprovavam através da própria permanência a mudança. Tinha em mente, por um lado, as gestualidades africanas e as vozes às mesmas associadas; e por outro, em epicentro do seu humanismo, as caras das pessoas, que considerava serem aquilo que, no final de contas e mais profundamente, sobrava ou devia sobrar de uma etnografia em modo sociológico. Daí o seu assumido horror aos objetos, pela facilidade com que nos museus da Europa podiam ser definitivamente reificados e reificadores, o que equivalia a uma cadaverização de mundos bem reais.

Uma vez feito o diagnóstico da ilusão antropológica, Balandier não deixou contudo de explorar diversos contributos de praticantes da disciplina (sobretudo britânicos e norte-americanos, alguns de celebridade durável, como Raymond Firth ou Max Gluckman, outros quase obscuros hoje em dia fora dos respetivos domínios de especialidade geográfica, como Homer G. Barnett) que visivelmente considerava serem um ponto de partida a ter em conta para uma futura teoria geral da mudança social. Curiosamente, até mesmo alguns representantes máximos do eixo oxoniano da Antropologia Social britânica eram evocados. Meyer Fortes, por exemplo, revelara a complexidade das negociações genealógicas associadas ao culto dos antepassados ou, dito de outra forma, colocara um sistema de posições sociais no lugar de uma atitude moral coletiva. O problema ou os limites desta e de outras leituras continuava a ser,

na ótica de Balandier, o facto de não detetarem a mais importante característica de qualquer sistema: o seu inerente dinamismo. Este foi, sem dúvida, o conceito preferido de Balandier, com o qual procurava exprimir os fenómenos de desordem ou entropia como constitutivos da vida em sociedade, tanto no plano externo, como no das variações internas, deixando em definitivo de empurrar as fragilidades transformadoras para o reino durkheimiano das anomias. A velha antropologia da acusação, para chamarmos assim aos estudos clássicos de perseguição de feiticeiros e outros especialistas do oculto, efetivos ou alegados, devia pois ceder o lugar a uma acusação da antropologia, em modo construtivo. Havia que perguntar, não já como eram conseguidas as supressões do conflito, mas por que razão eram afinal tão constantemente necessárias. Em desconfiança dos sistemas harmoniosos, Balandier afirmou a sua antropologia política, das assimetrias e das tensões portadoras de contestação. Era pois premente que, no combate sociológico entre o sagrado e a história, esta saísse finalmente vencedora.

Sem cair nos anunciados excessos dos teóricos do interesse, admitia por outro lado que houvesse espaço para o conformismo e para a indiferença na equação entre os organizadores do futuro e os gestores do passado. Com isso, Balandier revelou uma sensibilidade imprevista para as questões de continuidade cultural, nomeadamente em África. O sociólogo-etnólogo foi também um pensador do arcaico; e logo no seu primeiro terreno, entre os Lébou do Senegal em 1946, as mulheres possuídas no seguimento do balido de uma cabra emergiram a seus olhos como portadoras de passado. A verdade é que essa transmissão não deixava de ser também politicamente equacionada. Tinham sido afinal os conquistadores islamizados, e só por vezes islamizantes, quem permitira a manutenção daquela expressão do oculto, ainda que acentuando a sua feminização. O contraste não deixava de ser flagrante, de todas as maneiras, em relação à perseguição das bruxas “pré-cristãs” pela Inquisição. Uma coisa era certa: eram inúmeros e caleidoscópicos os modos de relação das sociedades africanas com a história, ora no tempo pré-europeu, se tal existia, ora nos tempos colonial e pós-colonial. Em qualquer contexto, os fenómenos de contínua (re)construção social evidenciavam uma coabitação, sempre significativa, de diferentes eras, o que era muito diferente de uma dicotomia entre tradição e modernidade, que Balandier remetia para as ideologias do Ocidente. Um outro exemplo expressivo era o das queimas de fétiches por representantes das igrejas cristãs negras, a que ele próprio teve ocasião de assistir nos dois Congos. À influência iconoclasta das missões originais acrescia-se a natureza política da dissidência religiosa em contexto colonial, tema maior da sua *Sociologie actuelle de l'Afrique noire* (1955).

Já na voracidade urbana dos últimos anos do colonialismo de expressão francesa, mas a propósito da miséria rural, um dos informantes/colaboradores

de Balandier, o aldeão Fang do Gabão, teve uma tirada que mereceu destaque na sua *Afrique ambiguë* (1957): “*C’est la civilisation!*” Uma vez que o próprio Balandier se referiu à mesma como ambígua, é possível até que tenha inspirado o título à obra. O tema explícito da ambiguidade ressurgiu no final da mesma, numa reflexão sobre a relação entre nós e os outros, os europeus e os africanos, que devia forçosamente ser também uma introspeção autobiográfica sobre o sentido, o seu sentido, de ser antropólogo. Afinal de contas, o testemunho etnográfico derivava de complexas interferências entre a sociedade colonial e a colonizada, os dois polos que, postos em relação, resultavam no conceito porventura mais célebre de Balandier, o de situação colonial. É especialmente significativo que, em tributo explícito, o mesmo tenha sido selecionado por George W. Stocking Jr. para o título do volume 7 da coleção “History of Anthropology”: *Colonial Situations. Essays on the Contextualization of Ethnographic Knowledge* (1991). A frase do aldeão Fang prenunciava, enfim, o velho mito antropológico de nos questionarmos a nós próprios - nós ocidentais e, com Balandier, os franceses em particular. A diferença é que o mito deixava (ou devia deixar) de ser confundido com a realidade, para dar lugar a uma ciência social assumidamente imbricada na própria mudança social e, em especial, na descolonização das mentalidades, que passava pela descolonização da própria antropologia como disciplina que as demais eram instadas a usar como chave. Com esse gesto antro-po-lógico, Georges Balandier vislumbrava a vitória dos possuídos. Serão eles a sopesar o seu legado.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROSA, F.D. (2009), “O profeta da Antropologia arcaica. Obituário de Claude Lévi-Strauss 1908-2009”. *Análise Social*, 193, XLIV (4.º), pp. 663-667.

---

ROSA, F.D. (2016), *Obituário* “Do gesto antro-po-lógico à vitória dos possuídos (Georges Balandier 1920-2016)”. *Análise Social*, 221, LI (4.º), pp. 1031-1035.

---

Frederico Delgado Rosa » fdelgadorosa@fcsb.unl.pt » CRIA-FCSH/NOVA, Universidade Nova de Lisboa » Avenida de Berna, 26-C — 1069-061, Lisboa, Portugal.

---